

# UMA POSSÍVEL TRAJETÓRIA DE MUDANÇA PARA O ITEM LEXICAL QUER DIZER<sup>1</sup>

Diane Dal MAGO (PG-UFSC)\*

## 1. Introdução

A *expressão* quer dizer pode ser observada na fala e também na escrita (sendo menos recorrente nesta última), exercendo o papel de articulador textual, na maioria das vezes. A partir de um levantamento de dados efetuado no Projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil), com falantes das cidades de Florianópolis, Blumenau e Chapecó (SC), Porto Alegre e São Borja (RS), Curitiba e Londrina (PR), procedemos ao estudo desta *expressão*, com apoio teórico no funcionalismo lingüístico, traçando os possíveis caminhos desta forma e enfatizando a sua mudança de estatuto categorial.

Uma abordagem funcionalista considera a competência comunicativa dos indivíduos, não somente pelo fato de eles codificarem e decodificarem as informações, mas por eles usarem as expressões lingüísticas de uma maneira interacionalmente satisfatória, isto é, que esteja também ligada a fatores externos à língua. Para esta teoria não existe uma sentença que tenha apenas informações semânticas; é imprescindível o uso da pragmática, enfim, de todo o contexto que cerca o ato de fala (Neves 1997).

As diversas nuances comportamentais do quer dizer que iremos evidenciar neste estudo estão relacionadas aos processos de *gramaticalização* e *discursivização*. A primeira é entendida como a passagem de um item lexical para um gramatical<sup>2</sup>, ou de um menos gramatical para um mais gramatical, ou ainda de algo mais concreto para um menos concreto. A *discursivização* (ou *pós-gramaticalização* para alguns), por sua

\* ddalmago@unisul.br ou ddalmago@ig.com.br

vez, é tida como um processo responsável pela mudança de elementos que passam a auxiliar na organização e na manutenção da interação do ato de enunciação, não estando ligado diretamente ao conteúdo deste ato (cf. Martelotta *et alii*.1996; Vincent *et alii*. 1993).

## 2. O estatuto gramatical de 'querer', 'dizer' e *quer dizer*

Originado do latim *quaerere*, o verbo 'querer' significa, nesta língua, desejar, exigir, indagar, pensar, perguntar alguma coisa a alguém, inquirir, fazer inquérito judicial etc. Já 'dizer', *dicere* em latim, refere-se a falar, pronunciar, recitar, contar, narrar.

Em alguns dicionários de língua portuguesa (cf. Ferreira 1986 e Michaelis 1998, por exemplo), aos verbos 'querer' e 'dizer' são atribuídas várias significações:

a) 'querer' - ter vontade de, ter a intenção de, desejar, projetar, tencionar, possuir ou adquirir, consentir, ordenar, requerer, necessitar de, vontade, intenção etc;

b) 'dizer' - exprimir por palavras, enunciar, pronunciar, ensinar, significar, exclamar, narrar, mandar, ordenar, afirmar etc.

Vejam alguns exemplos, extraídos de nosso *corpus*, (1), (3), (4), e elaborados por nós (2), e as respectivas significações destes dois verbos.

- (1) Eu *quero* que ela arrume um emprego, uma coisa, porque enquanto a gente vive, a vida que ela teve sempre vai ter, né? (ter vontade de, desejar - SBO06, L239)<sup>3</sup>
- (2) Eu *quero* a admissão de minha filha. (requerer, ordenar - exemplo nosso)
- (3) Ele sempre *dizia* que tudo o que eu fazia era bem feito. (enunciar, exprimir por palavras - POA24, L454)
- (4) Então ela *disse* pra mim: eu quero que tu fiques perto de mim. (contar, narrar - SBO06, L776)

Apesar de não dispormos de evidências históricas em nossa pesquisa, supomos que, com o passar do tempo, os verbos 'querer' e 'dizer' foram desenvolvendo outros usos concomitantemente com as designações originais, um dos quais resultou na seqüência quer dizer, de uso bastante generalizado na fala e que também surge na escrita, conforme os exemplos a seguir.

- (5) Dissemos antes que o assunto, o destinatário e o objetivo do texto são os fatores que determinam a seleção das idéias e sua seqüência no texto. Mas aqueles fatores determinam também outro aspecto fundamental do texto: a forma de linguagem. Isso quer dizer que não escrevemos usando sempre a mesma forma de linguagem. (Mandryk e Faraco 1998: 167)
- (6) Para fazer essas acepções, é fundamental determinar previamente para quem estamos escrevendo e com que finalidade. Quer dizer: nosso texto é sempre uma espécie de conversa que fazemos a distância com nosso(s) leitor(es), tendo um determinado objetivo em vista. (Mandryk e Faraco 1998: 137)
- (7) Pegar os genes de uma formiga e implantar em pessoas que não querem saber de trabalhar, mas como as formigas ... eles trabalhariam muito mais, aí acabaria com o desemprego, com isso acabaria com a fome, quer dizer, não sei se acabaria, mas diminuiria muito. (redação de vestibular - ACAFE/ 2001)

## 2.1 'Querer' e suas nuances comportamentais

Na seqüência quer dizer, o verbo 'querer' parece ser o que mais deve ser discutido, pois é a partir dele que vamos definir qual é o papel desta combinação de itens em nosso trabalho. Os aspectos comportamentais deste verbo são variados, como:

- a) verbo pleno - carrega a significação original (ter vontade, desejar) - exemplo (1)

- b) verbo modal – juntamente com outro verbo (pleno) forma uma seqüência verbal como em 'Selma, eu *quero* casar contigo' (CHP20, L242), mantendo fortes traços de sua significação original<sup>4</sup>;
- c) verbo auxiliar<sup>5</sup> – juntamente com um verbo pleno forma uma locução verbal, conforme o exemplo (5), sendo praticamente destituído de sua carga semântica original;
- d) por fim, 'querer' perde suas características verbais e, agregado a 'dizer', torna-se uma expressão relacional, como nos exemplos (6) e (7).

Primeiramente, vamos ver como é abordada, na literatura, a questão da auxiliabilidade em relação a este verbo. Há alguns gramáticos que consideram o 'querer' como um auxiliar. Dentre eles podemos citar Said Ali (1957), Rocha Lima (1988) e Bechara (1983), que o tratam como um *auxiliar modal*.

Observemos os dois exemplos (nossos) que seguem em que 'querer' teria traços de auxiliar modal (indicando vontade/desejo).

- (8) Eu *quero* escrever uma carta.
- (9) *Queríamos* comprar uma casa.

Num primeiro momento (analisando os exemplos acima), pode-se pensar que a seqüência de 'querer' mais 'dizer' formaria uma locução. Entretanto, levando-se em conta o conceito de locução postulado por alguns autores, dentre eles Rocha Lima (1988), Camara Jr. (1998), Ferreira (1986), como *a reunião de vocábulos que constituem apenas uma unidade significativa*, percebemos que tal denominação nem sempre se aplica ao quer dizer. Examinemos o que ocorre nos exemplos (10) e (11) que seguem.

- (10) Quer dizer que fui criada num sistema muito antigo, não quero dizer arcaico. (CTB24, L779)

- (11) Até faleceu o mais gordo, que quando na realidade, quer dizer, dizendo assim a gente quer dizer que não acredita, porque um pesou um quilo e meio e outro pesou quatrocentos e cinquenta gramas. (CHP14, L357)

Em (10) e (11) o quer(o) dizer apresenta sentido de 'desejar falar algo'. Nestes casos o verbo 'querer' apresenta traços modais<sup>6</sup> de intenção. Apesar de sintaticamente integrados, 'querer' e 'dizer' mantêm uma certa autonomia semântica e 'dizer' pode ser entendido como objeto de 'querer'. Nestes casos não temos uma locução, mas dois verbos semanticamente plenos, com marcação de pessoa no primeiro, seja através do sujeito expresso (a gente), seja pela flexão do verbo (quero).

Note-se que, em contextos deste tipo, o sujeito da oração é normalmente [+ humano] e [+ intencional]. Nos dois exemplos acima o sujeito de 'querer' é correferencial ao sujeito de 'dizer', isto é, refere-se à mesma entidade discursiva. A correferencialidade é uma das características dos verbos emotivos, que também costumam exprimir julgamentos de ordem pessoal, como ilustram (10) e (11). (cf. Martelotta, 1998)

Este aspecto de correferencialidade é destacado por Givón (1993, 1995) quando ele caracteriza os verbos de modalidade<sup>7</sup>. Para o autor, os sujeitos da oração principal, cujo verbo é de modalidade, são correferenciais aos sujeitos da oração complemento, sendo que o verbo deste complemento encontra-se no infinitivo, conforme os exemplos citados acima. Observe-se que Givón trata os verbos de modalidade (correspondentes ao que estamos considerando verbo modal) como integrando uma cláusula, desta forma não se apresentam formando locução.

Além disso, para que a seqüência 'querer' mais 'dizer' fosse considerada uma locução verbal<sup>8</sup>, o verbo 'querer' deveria ser um auxiliar. Este último é definido, de acordo com Cunha (1994, p.371), como aquele que perdeu o seu significado próprio ao se juntar com outro verbo (o verbo principal), sendo que este mantêm a sua significação plena. Como vimos em (10) e (11), 'querer' não perdeu seu significado modal de intenção, portanto não seria um auxiliar, nos termos em que este foi definido acima.

Para muitos autores como Camara Jr. (1970), Pontes (1973), Givón (1984, 1995) e Costa (1995), 'querer' não é um auxiliar. Vejamos porque eles postulam isso.

De acordo com Camara Jr., somente podemos considerar auxiliar o verbo que sofreu *gramaticalização*, entendida como um processo que consiste na transformação de vocábulos lexicais em gramaticais. "É má técnica de descrição gramatical considerar formas perifrásticas<sup>9</sup> a combinação de dois verbos numa única oração em que ambos guardam a sua significação verbal e a significação total é uma das duas significações (ex: *quero sair*) e não houve a gramaticalização do primeiro verbo." (Camara Jr. 1970: 118-119). Assim, para o autor, a distinção entre locução verbal e uma simples seqüência de dois verbos dá-se a partir da *gramaticalização*, considerando-se também a evolução semântica do verbo, não havendo locução verbal quando os dois verbos guardam a sua significação plena (como em (10) e (11)), somente quando resultar em um único sentido. Nessas condições, para Camara Jr., e também para nós, 'querer' não é auxiliar.

Pontes (1973: 85) diz que os verbos que são chamados de auxiliares modais (como o 'querer'), por alguns autores, são na verdade apenas transitivos, em que o objeto pode ocorrer com uma oração no infinitivo. Segundo a autora, o 'querer' não é um auxiliar por três motivos principais:

- a) porque não ocorre nos mesmos contextos em que aparece como verbo simples: \*'A pedra *querquebrar*'<sup>10</sup> - 'A pedra *quebrou*' (op. cit. p. 84);
- b) porque não combina com um sujeito qualquer ([- humano], por exemplo): \*'As flores *queriam* passear' (exemplo nosso);
- c) porque ele não aceita o teste da passiva, não admitindo a anteposição do complemento do verbo principal: '*Quero* comprar um livro' - \*'Um livro *quer* ser comprado por mim' (exemplos nossos).

Analisando os verbos que entram na categoria de auxiliares, Givón (1984, 1995) resalta que a questão da auxiliaridade está relacionada à integração sintática e semântica, considerando que somente os verbos com maior integração estão mais próximos da categoria de auxiliares. Para que ocorra esta integração, há alguns critérios a serem observados:

- a) a correferencialidade do sujeito;
- b) grau de abstratização do verbo1 (verbo auxiliar);
- c) possibilidade de o complemento do verbo2 (verbo principal) tornar-se sujeito de uma estrutura passiva;
- d) obrigatoriedade de o verbo2 aparecer no infinitivo, gerúndio ou particípio;
- e) ausência de marca de tempo no verbo2.

Quando um verbo não está totalmente gramaticalizado ele ainda exerce restrições semânticas sobre o seu sujeito. Assim, o paciente do verbo2 não é admissível, semanticamente, como sujeito do verbo principal; por isso, de acordo com Givón (1995), verbos desse tipo não podem ser chamados de auxiliares. É o que ocorre com alguns que têm valores modais, como o 'querer', por exemplo, que não pode ser chamado de auxiliar em alguns casos porque mantém traços lógico-semânticos mais concretos (justamente por não ter sido gramaticalizado ainda) e não aceita um sujeito marcado pelo traço [- animado], haja vista que ele sofreria alteração do sentido original ou a construção se tornaria incoerente, como é o caso da passiva, em (13) (exemplos nossos).

(12) Maria *quer* colocar a casa em ordem.

(13) \*A casa *quer* ser colocada em ordem por Maria.

Também para Costa (1995: 180), o verbo 'querer' é um modal, mas não é um auxiliar. Ela postula isso baseada nos argumentos de Givón, apresentados anteriormente. De acordo com a autora, 'querer' passa por um processo de abstratização por meio da *gramaticalização*, que o leva a

ser não um auxiliar, mas um possível marcador discursivo, afastando-se do seu conteúdo lexical básico.

Vejamos dois exemplos do verbo 'querer' apresentados por Costa, primeiramente, como um modal ('ter desejo') e depois como marcador discursivo junto com o 'dizer', formando a seqüência verbal quer dizer, afastando-se de seu valor modal.

- (14) Então eu acho que... Você *querer* um negócio gozadíssimo? A minha garotinha menor, a I. C. outro dia ela chegou em casa veio dizendo... Ela tem, ela *queria* muito, eu perguntei pra ela: Você *quer* fazer? E tal e ela: Olha, mamãe eu vou crescer um bocadinho, eu *quero* fazer um negócio que eu acho lindo... (*op.cit.* p.170)
- (15) Bom, eu tenho a impressão, quer dizer, pra início de conversa, eu acho que, na época em que eu fiz pedagogia, havia uma dicotomia bastante grande. (*op.cit.* p.171)

Portanto, de acordo com estes lingüistas, não teríamos uma locução em (10) (11), em virtude de o verbo1 não ser um auxiliar.

Propomos, no entanto, que existem casos em que 'querer' funciona como um auxiliar e não como modal. Em nosso *corpus* de análise encontramos ocorrências em que este verbo comporta-se como auxiliar<sup>11</sup>, formando uma locução verbal juntamente com 'dizer', como no exemplo (5) e também em (16) a seguir.

- (16) Eu fazia comboio. Comboio quer dizer tomando conta dos navios mercantes de Belém do Pará, até atracar lá. (FLP06, L21)

Em (16) temos um verbo auxiliar ('querer') e um verbo principal ('dizer'), visto não ser possível separar 'querer' de 'dizer', pois ambos constituem apenas uma unidade significativa, portanto, uma locução, havendo uma maior integração sintática e semântica entre estes verbos. 'Querer', neste caso, expressa um valor menos intencional, classificando-se como verbo efetivo, definido como aquele que realiza o processo



contido no verbo principal, sendo conhecido como auxiliar. Assumindo o 'querer' este valor, quer dizer pode funcionar como sinônimo de significar, havendo a possibilidade de intercambiar a seqüência verbal em (16) pela palavra 'significa'. Além disso, o sujeito da locução perde os traços de [+ humano] e [+ intencional] (cf. Martelotta 1998).

A partir das considerações feitas, vemos que a forma composta quer dizer pode funcionar em alguns casos como locução e em outros não, quando o verbo 'querer' não se caracteriza como um auxiliar, mas como um modal.

Em ambos os casos, o estatuto gramatical da combinação quer dizer (modal + infinitivo ou auxiliar + infinitivo) é sempre verbal. No entanto, verificamos que o maior número de ocorrências encontrado na fala corresponde a casos como os já exemplificados em (6) e (7), em que a seqüência muda seu estatuto categorial, funcionando como elemento relacional no que diz respeito às informações veiculadas.

### 3. O percurso de gramaticalização da expressão *quer dizer*

O funcionalismo lingüístico prevê que as línguas podem mudar constantemente em função das circunstâncias sob as quais as pessoas as usam e do próprio sistema lingüístico. Desta maneira, a *expressão* quer dizer está se moldando e funcionando de acordo com os contextos que os falantes determinarem, passando por dois grandes processos de mudança lingüística: a *gramaticalização* e a *discursivização*.

Conforme já mencionamos, a *gramaticalização* é um processo de mudança lingüística em que itens lexicais pertencentes a uma categoria maior (nomes, verbos) passam para uma categoria menor (preposições, conectores). À medida que deixam de ser verbos plenos, 'querer' e 'dizer' começam a adquirir outras funções e ter outro emprego, até se tornarem o que rotulamos como uma *expressão*. Esta pode ser entendida, em termos mais amplos, como um elemento dotado de valor semântico que foge aos padrões estabelecidos pelas gramáticas, em geral, por estar presente mais freqüentemente na fala e ser de uso mais comum entre os falantes,

visando exteriorizar ou expressar um estado mental na enunciação lingüística (cf. Câmara Jr. 1998).

A *gramaticalização* sofrida pelo *quer dizer* passa, de acordo com nossa análise, por três etapas: parte de 'querer' e 'dizer' como verbos plenos, para 'querer' como modal, 'querer' como auxiliar e a *expressão* *quer dizer* como articulador textual, fazendo conexões, articulando partes do texto. Estamos supondo, de acordo com os dados sincrônicos analisados e com a teoria que nos respalda, que essas sejam as etapas percorridas pela *expressão* no processo de *gramaticalização*.

### 3.1 *Quer dizer* articulador textual

É quando passa a assumir valor de *expressão* que *quer dizer* começa a exibir mais nitidamente as suas etapas de mudança por meio da *gramaticalização*, visto que é a partir deste momento que os itens que formam a *expressão* perdem os seus valores verbais (em que funcionavam como núcleo verbal) para assumir um caráter textual, passando a apontar situações do discurso, como a observação e a atenção do informante em relação ao que está falando.

Novamente podemos falar, e agora com mais precisão, de uma das características típicas dos elementos que se gramaticalizam: a generalização. À proporção que o 'querer' foi se afastando de seu uso original e passou a integrar a *expressão* *quer dizer*, esta começou a desempenhar funções gramaticais mais gerais. Quanto maior o número de contextos de ocorrência da *expressão* mais ela se generaliza, ganhando uma distribuição mais ampla e mais polissêmica.

### 3.2 O princípio da persistência

Hopper (1991) postulou cinco princípios para o processo de *gramaticalização*. Dentre estes temos o princípio da persistência, segundo o qual um item lexical, ao passar a ser gramatical, pode deixar traços de

sua história lexical no elemento gramaticalizado. Vejamos como isso ocorre na nossa *expressão*.

O verbo 'querer' traz em sua história o traço de modalizador, conforme mencionado. Ao longo de seu percurso de mudança esta característica foi muitas vezes ocultada, mas não desapareceu. Ao sofrer *gramaticalização* e passar a ser um articulador textual o quer dizer perdeu o seu estatuto gramatical de verbo e também os significados que este transmitia. No entanto, a característica modalizadora presente em 'querer' pode ser encontrada em algumas expressões do quer dizer. Para melhor avaliarmos o que dissemos comparemos os exemplos (17) e (18).

(17) Mas o problema é a minha esposa, né? que tem esse problema que me entristece bastante, de ver ela assim, ela quer dizer as coisas e não pode (CTB02, L1065)

(18) É a influência da cidade grande, que é a influência de transmissão de um, dois, que foi lá e iludiu, quer dizer, não é que se iludiu, ele falou o que estava acontecendo com ele, mas todo mundo pensa que acontece com todo mundo a mesma coisa, né? (CTB, L821)

Conforme podemos observar em (17), o verbo 'querer' funciona como um modal ao lado de 'dizer'. Já em (18) a *expressão* quer dizer é a que carrega esta modalização, atenuando o discurso do falante. Esta característica modalizadora está presente em ambos os exemplos, mas com funções diferentes: no primeiro o uso do quer dizer revela intenção; no segundo a atenuação tem valor epistêmico, diminui o grau de certeza da asserção. Assim é possível perceber que os traços modais não se perderam ao longo do percurso de mudança, eles podem ser ocultados em algumas etapas da *gramaticalização*, mas podem surgir com outros matizes ao longo de outras etapas de mudança.

### 3.3 O princípio da decategorização

O princípio da decategorização, proposto por Hopper (1991), está relacionado às formas que se gramaticalizaram e que perderam ou neutralizaram as suas marcas morfológicas e sintáticas de categorias plenas (maiores), como nomes e verbos, ao assumirem características de categorias secundárias como adjetivos, advérbios e posteriormente ao se tornarem categorias menores como conjunções, conectores. Poderíamos esquematizar isso da seguinte forma:

Categorias maiores > categorias secundárias > categorias menores

De acordo com Hopper, a partir da decategorização há uma perda da autonomia discursiva. Quando as formas pertenciam a categorias plenas elas tinham um significado independente do texto, após isso passaram a ter uma função ou um significado relativo ao texto. Isso ocorre com o quer dizer.

Ao perder as marcas de verbo pleno (em 'querer' e 'dizer'), modal e auxiliar (em 'querer'), o quer dizer ganha características relativas ao seu funcionamento dentro do texto como articulador textual. Segundo Traugott (1982 *apud* Hopper 1991), uma das etapas principais que marca a *gramaticalização* é a perda da autonomia discursiva.

À medida que 'querer' e 'dizer' se gramaticalizaram foram perdendo seus atributos de verbo, como a propriedade de mostrar variação em tempo, aspecto, modalidade e marca de pessoa e número, assumindo outros traços que não são característicos a sua categoria. Comparemos as seqüências destacadas em (19) e (20).

(19) E - E a família dela gostava do senhor, normal?

F - Gostava.

E - Apoiavam o namoro?

F - Ih, apoiaram o namoro aí. Até ela quis dizer que não, no começo, mas na verdade era - Quer dizer que nós começamos

namorar assim, ela dizia que não estava muito querendo aceitar.  
(CHP14, L282)

- (20) ... eu não quero morrer sem comprar o meu carrinho. Mas tem que ser zerinho... mas esse é um sonho meu, de tirar um carro zero quando eu me aposentar. Quer dizer, é um sonho besta, né? um sonho bobo, mas isso aí é um sonho meu. (FLP16, L1087)

Os dois exemplos acima ilustram dois aspectos:

- a) a questão da significação em termos de autonomia e dependência textual, respectivamente. No primeiro exemplo a sequência 'quis dizer', apesar de integrada sintaticamente, não possui dependência semântica, pois ambos os verbos mantêm suas características plenas; 'dizer' pode ser entendido como objeto de 'querer'. Portanto, o funcionamento destes verbos ocorre no âmbito oracional, mantendo uma autonomia em relação ao texto, diferentemente do que ocorre em (20), em que o quer dizer funciona numa relação textual. Além disso, o contexto onde o quer dizer está inserido é que irá possibilitar a identificação de seu significado;
- b) a mudança nos traços categoriais, pois no primeiro exemplo ainda há a flexão do verbo 'querer', com marcas de tempo, pessoa e número, já no segundo, por força da *gramaticalização*, a forma quer dizer se cristalizou, não mostrando estes traços, assim passa a adquirir função textual.

Estes dois princípios (persistência e decategorização) propostos por Hopper (1991) nos mostram, respectivamente, que marcas da origem de um item lingüístico podem permanecer mesmo após sofrer mudanças, e que quanto mais um elemento lingüístico se afasta de sua categoria lexical mais ele perde suas características originais e ganha outros traços que não lhe são familiares.

### 3.4 Como ocorre o mecanismo da reanálise na *expressão quer dizer*

O mecanismo da reanálise se dá num estágio mais avançado do processo de *gramaticalização*. Assim, à medida que certas formas vão se gramaticalizando, elas podem ser reanalisadas, ocorrendo a possibilidade de mudança de categoria, sem que necessariamente ocorra mudança de forma. De acordo com Harris e Campbell (1995), é somente após a reanálise que um item lingüístico pode ser considerado como gramaticalizado. Isso normalmente ocorre quando o seu uso é bastante recorrente em uma língua.

A reanálise pode ser melhor observada da seguinte forma na *expressão quer dizer*: primeiramente temos o verbo 'querer' em seu sentido pleno, significando 'desejar', 'ter a intenção de', 'ter vontade de'. A partir da atuação desse mecanismo ele passou a ser um verbo modal, formando seqüências verbais como em (21) abaixo, em que 'dizer' é objeto de 'querer', no sentido de 'desejar falar algo' (cf. já mencionado).

Em seguida, por causa de outra reanálise, 'querer' passou a ser um auxiliar e 'dizer' o verbo principal, formando a locução verbal *quer dizer*, como em (22). Na seqüência temos a *expressão quer dizer*, como em (23), que também seria fruto de outra reanálise. Comparando os três exemplos, podemos ver que a relação sintática se torna menos perceptível entre as orações que se relacionam com o *quer dizer*, como em (23), que tem um caráter textual e não mais oracional como em (21) e (22).

(21) Mas o problema é a minha esposa, né? que tem esse problema que me entristece bastante de ver ela assim, ela quer dizer as coisas e não pode. (CTB02, L1065)

(22) Então a idade não quer dizer nada. (FLP22, L272)

(23) E- E o senhor gosta agora desse trabalho?

F- Gosto porque é um trabalho que você aprende alguma coisa a mais, né? Quer dizer, é uma nova atividade que você vai ter, é uma nova atividade que você vai aprender, ou seja, é uma profissão a mais que você vai ter. (LDN16, L756)

Através desta descrição do quer dizer podemos observar que houve, além da perda de características sintáticas, um enfraquecimento semântico, o qual é associado, freqüentemente, à *gramaticalização*. Esse enfraquecimento semântico parece estar relacionado à reanálise, pois, quando a *expressão* se gramaticalizou, sofreu mudança estrutural, passando a pertencer a outra categoria. Os exemplos acima também nos mostram que a mudança de estrutura não acarretou em modificações na manifestação de superfície do quer dizer. Isso significa que a forma permanece a mesma, sendo analisada sob outra perspectiva.

A partir das considerações feitas acima sobre o funcionamento do quer dizer, buscamos mostrar como se deu o seu percurso de mudança através da *gramaticalização*. Na seqüência passaremos a descrever o outro processo de mudança que atinge este item lexical, a *discursivização*. Logo após voltaremos a falar em *gramaticalização*, bem como em *discursivização*, discutindo a questão da unidirecionalidade.

#### 4. O quer dizer rumo ao processo de *discursivização*

O processo de *discursivização* ocorre quando elementos do discurso perdem suas restrições gramaticais e assumem valores de marcadores discursivos, adquirindo funções que estão relacionadas à interação entre os participantes e entre estes e o seu discurso, bem como funções associadas ao processamento da fala. Nestes casos alguns valores sintáticos e semânticos destes marcadores são perdidos, assim como a ordenação vocabular, adquirindo características pragmático-discursivas. (Martelotta *et alii* 1996; Martelotta 1998)

Agora, encerrando a trajetória proposta sobre os possíveis passos de mudança da *expressão* quer dizer, vamos apresentar um diagrama que ilustra este caminho rumo ao processo de *discursivização*.

## Verbo pleno

querer/dizer

Verbo modal - auxiliar (nível oracional)

querer (+ dizer) *significa* - 'significar'

## LÉXICO

QUER DIZER Articulador textual reformulador (nível textual)

## GRAMÁTICA

QUER DIZER Marcador Discursivo  
(nível extratextual)

## DISCURSO

Através desse diagrama visualizamos um possível percurso de mudança do quer dizer até a sua última etapa, funcionando como marcador discursivo. Ao se discursivizar, a *expressão* torna-se ainda mais abstrata, distanciando-se quase que totalmente da gramática, já que agora a sua função não é mais textual, como anteriormente, mas extratextual. É importante salientar que as etapas não são excludentes, podendo coocorrer ao longo de um certo tempo.

Observemos o exemplo que segue.

- (24) É, parece que era cruzeiro (estímulo do entrevistador e pausa), quer dizer (pausa e alongamento vocálico), dava cinquenta por cento pra casa, porque naquela época eu ainda estava em casa. (FLP13, L878)

O exemplo acima nos mostra que o quer dizer perdeu em significação sintática, despidendo-se de seu valor de conector, no entanto, houve ganho em significação pragmática/interativa, tendo em vista que a *expressão* passou a ter um valor mais interacional, à medida que o falante pára para pensar e planejar o que pretende falar. As pausas, o estímulo do entrevistador e o alongamento marcados em (24) indicam que o informante está usando o quer dizer para ganhar tempo e interagir com o interlocutor, até encontrar as palavras adequadas para dar prosseguimento ao seu discurso.



## 5. A questão da unidirecionalidade e o caminho de mudança do *quer dizer*

De acordo com Hopper e Traugott (1993), a *gramaticalização* é um processo unidirecional pois resulta em que um dos estágios não ocorre antes do outro, ou seja, numa relação A e B, A sempre ocorre antes de B, mas nunca vice-versa. Nossa hipótese em relação ao caminho percorrido pelo *quer dizer*, levando-se em conta a unidirecionalidade, é ilustrada no diagrama abaixo:

Verbo pleno > verbo modal > verbo auxiliar > articulador textual > marcador discursivo

Apesar de termos explicado essa trajetória percorrida pelo *quer dizer*, não podemos afirmar que todas as etapas tenham ocorrido numa ordem cronológica. Um estudo diacrônico deste fenômeno poderia dar conta com maior precisão deste caminho unidirecional.

Hopper e Traugott destacam alguns traços que advêm da unidirecionalidade e que ocorrem com a nossa *expressão*:

- a) um elemento gramatical perde autonomia: os verbos 'querer' e 'dizer' foram perdendo sua autonomia, dentro de sua categoria verbal, à medida que foram se gramaticalizando, passando a ter um valor textual quando se tornaram a *expressão* *quer dizer*;
- b) possibilidade de recategorização: pode estar relacionada à reanálise, em que uma categoria passa a adquirir traços de outra;
- c) erosão ou enfraquecimento da forma: há casos de *quer dizer* em que houve enfraquecimento da forma, isto é, ele perdeu substância fonética: QUER DIZER – [Kedze].

A partir das considerações feitas sobre as mudanças sofridas pelo *quer dizer*, seguindo uma trajetória unidirecional, é possível dizer que,

apesar de não termos realizado um levantamento diacrônico, há fortes indícios de que este caminho tenha sido percorrido pela *expressão*. Isso pode ser evidenciado na descrição que fizemos de algumas características da unidirecionalidade: a decategorização de categorias lexicais e a perda de autonomia como elemento gramatical.

### Referências Bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 28<sup>o</sup> ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

CAMARA Jr., J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. 4<sup>o</sup> ed., Rio de Janeiro: J. Ozon, 1970.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4<sup>o</sup> ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de lingüística e gramática*. 19<sup>o</sup> ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, M. C. R. *Modalidade e gramaticalização: estratégias discursivas na fala Carioca*. Tese (Doutorado em Lingüística) - Rio de Janeiro: Departamento de Letras Vernáculas, UFRJ, 1995.

CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 12<sup>o</sup> ed., Rio de Janeiro: FAE, 1994.

FERREIRA, A B. de H. *Novo dicionário de língua portuguesa*. 2<sup>o</sup> ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIVÓN, T. *Syntax: A functional - typological introduction*. Amsterdam: Benjamins, 1984, Vol. I.

\_\_\_\_\_. *English grammar: a functional based introduction*. Philadelphia: J. Benjamins, 1993, Vol I e II.

*Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

HARRIS, A. C.; CAMPBELL, L. Reanalysis. In: *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia, 1991, p.17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MANDRYK, D.; FARACO, C. A. *Prática de redação para estudantes universitários*. 8º ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.45-75.

MARTELOTTA, M. E. Marcadores discursivos e operadores argumentativos. In: VOTRE, S.; MARTELOTTA, M. E. (org.) *Trajетórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, 1998, p.64-93.

MICHAELIS. *Moderno dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*, 29º ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião Josué; LAFOREST, M. *Grammaticalisation et post grammaticalisation. Langues et Linguistique*. Québec: Université Laval, 1993, n 19.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo é uma adaptação de minha dissertação de mestrado intitulada: *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*, orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Edair Maria Görski e defendida na UFSC em 2001.

<sup>2</sup> No nosso caso, a passagem de verbo a conector, por exemplo.

<sup>3</sup> O código que segue o trecho da entrevista serve para identificá-la. Por exemplo, (SBO06, L239) = informante da cidade de São Borja, entrevista número 06 e linha 239. Os demais códigos de entrevistas que aparecerão são: FLP = Florianópolis, POA = Porto Alegre, CTB = Curitiba, BLU = Blumenau, CHP = Chapecó e LDN = Londrina. Os números que seguem são, respectivamente, o da entrevista e o da linha onde se encontra o dado pesquisado. Nos casos em que aparecer um F e um E antes da informação, eles irão significar, respectivamente, informante e entrevistador.

<sup>4</sup> De acordo com Camara Jr. (1985), o futuro de formas volitivas (que indicam vontade, desejo) e subjuntivas advém de formas modais. Isso já ocorria no latim clássico e vulgar. Portanto, se o futuro é resultante de formas modais ainda no latim, isso significa que o verbo modal não se distancia muito do pleno, e a sua manifestação parece que se dá bem próxima a esta categoria plena.

<sup>5</sup> Neste trabalho estabelecemos uma diferença entre o 'querer' modal de intenção ou desejo e o auxiliar, este sem carga semântica de modalidade, conforme discutiremos mais adiante.

<sup>6</sup> Nestas ocorrências parece que o quer dizer assume uma posição de modalizador do discurso, como em (10), por exemplo, quando a informante, ao falar "não quero dizer arcaico", está amenizando o que dissera anteriormente, ou seja, o fato de ter sido criada num sistema muito antigo.

<sup>7</sup> Ao tratar de modalidades proposicionais, Givón (1995: 115) afirma que, em termos gerais, a definição de modalidade pode ser formulada a partir do contraste entre o *realis* e o *irrealis*. Ou seja, entre eventos que são tidos como certos, verdadeiros - verdade factual - e outros que são possíveis, desejáveis, respectivamente.

<sup>8</sup> Conforme Rocha Lima (1988), Bechara (1983) e Cunha (1989), uma locução verbal é formada por um verbo auxiliar mais um principal.

<sup>9</sup> Formas perifrásticas são expressões sintáticas em que “um vocábulo auxiliar toma a si a expressão das noções gramaticais, ou significação interna, deixando a significação externa para se expressar pelo outro vocábulo, dito principal – conjugações perifrásticas”. (Camara Jr. 1970: 191)

<sup>10</sup> O asterisco (\*) é usado para fazer referência a sentenças que são consideradas agramaticais.

<sup>11</sup> O verbo 'querer' parece se comportar como auxiliar apenas diante do verbo 'dizer', conforme o exemplo (16). Apesar dessa restrição, consideramos que apresenta traços de auxiliaridade.